

Ex-zombies: uma conferência

Eu quero começar por partilhar convosco uma cena de filme. Imaginem um descapotável vermelho a passar pelas ruas vazias de uma grande cidade. O condutor, que usa uns óculos escuros muito estilosos, põe uma cassete a tocar. Podem imaginar a música que preferirem a tocar nesta cassete. Qualquer uma serve.

Enquanto ouvimos a música, a câmara acompanha o condutor no seu percurso. Não há outros carros nas ruas, o que dá uma certa qualidade fantasmagórica ao cenário todo. E também não há mais ninguém à vista, nem uma única pessoa. O carro passa por ruas cobertas de papéis e móveis abandonados, até que o condutor para diante de um prédio. Algo chamou a sua atenção. Sem dizer uma palavra, ele ergue-se do carro com uma metralhadora nas mãos e dispara uma longa rajada de balas contra uma das janelas do prédio, onde vemos brevemente um vulto que foge.

Depois o condutor guarda a metralhadora com o cano ainda a fumar e parte no seu descapotável vermelho sem olhar para trás, levantando uma nuvem de papéis. O nome do filme aparece no ecrã: *The Omega Man*.

Assisti a este filme pela primeira vez numa madrugada de insónia diante da TV, quando tinha uns 14 anos, sem ter ideia de que filme seria. Esta rajada de metralhadora logo à partida surpreendeu-me, chocou-me, entusiasmou-me. O que estava a acontecer ali? Onde estava toda a gente? Quem seria capaz de disparar assim sem hesitação contra uma sombra mal entrevistada? Podia estar a atirar contra uma camareira de hotel, um empregado de escritório, uma velhinha carregada de compras, uma criança a jogar à bola nos corredores do prédio. Quem seria este condutor? Um assassino, um psicopata, um terrorista?

Não, ele é o herói deste filme.

O filme é de 1971, no Brasil chamou-se *A última esperança da Terra*. O ator que faz de condutor é o Charlton Heston. Ele é a única pessoa imune a uma praga bacteriológica que matou praticamente toda a humanidade, transformando os poucos sobreviventes em mutantes agressivos que vivem nas sombras. Estes mutantes perseguem o personagem do Charlton Heston, que por sua vez persegue os mutantes. Como um daqueles desenhos animados de gatos e ratos, mas mais deprimente. Principalmente porque não há acordo possível aqui. Não há conciliação, entendimento, diplomacia. Só rajadas de metralhadora, fogueiras e lanças. E no fim o Charlton Heston morre.

Agora eu queria convidar-vos a imaginar que algo semelhante aconteceu connosco. Um apocalipse zombie exterminou a maior parte da humanidade, e deixou-nos isolados neste lugar, o Teatro Nacional D. Maria II, em Lisboa, Europa, cercados por uma horda de mortos-vivos famintos que desejam apenas entrar nesta sala e mastigar os nossos intestinos enquanto o sangue ainda gorgoleja nas nossas gargantas. Eles estão a bater à porta.

E diante disso eu queria que cada um aqui se perguntasse: o que é que eu estou disposto a fazer para sobreviver numa situação como esta?

1 – 27 mar
2018

Sala de
cenografia

texto e

encenação

Alex Cassal
com

João Estima

João Grosso

Lúcia Maria

Manuel Coelho

Sara Inês Gigante

apoio à

dramaturgia

Joana Frazão

apoio à

encenação

Eduardo Molina

conceção do

espaço cénico e

guarda-roupa

Alex Cassal

adereços

(material bélico)

Stéphane Alberto

produção

TNDM II

equipa TNDM II

direção de cena

Catarina Mendes

produção executiva

Manuela Sá Pereira

Este texto foi escrito com suporte da Residência Dias Hábiles – O Espaço do Tempo, Montemor-o-Novo, Portugal.

Este texto incorpora excertos de Zeca Afonso, Hannah Arendt, Nicholas Barber, Simone de Beauvoir, Max Brooks, Judith Butler, Chico Buarque, Luís de Camões, Lili Canêças, Adolfo Luxúria Canibal & Miguel Pedro, Josué Apolônio de Castro, Richard Dawkins, Clint Emerson, Frantz Fanon, Sérgio Godinho, Charlie Haas, Thomas Hobbes, Katie Hopkins, Robert Kirkman, Ailton Krenak, Elisabeth Kübler-Ross, Jacques Lacan, David Lapoujade, Sarah Juliet Lauro & Karen Embry, Stanley Milgran, Toni Morrison, George Orwell, Jarbas Passarinho, Peter Pál Pelbart, Monty Python, George Romero, Vladimir Safatle, Philip Sheridan, Timothy Snyder, Gertrude Stein, Donald Trump, Slavoj Žižek.

Uma primeira versão deste texto estreou em junho de 2017 no Festival Cena Brasil Internacional – Rio de Janeiro, numa montagem do grupo Foguetes Maravilha.